

PMS FMT BIRN
BIBLIOTECA
Jornal: P. Tabela
Data: 22.03.2007
Caderno: Salvador 09
Seção:
Assun:

Defesa Civil

CHUVAS | Durante a gestão de João Henrique, média anual de mortes em decorrência de temporais subiu de 1,5 para sete

Não basta pedir a São Pedro



MARCELO NERI 23.3.2006

O primeiro acidente na gestão de João Henrique aconteceu em 29 de março de 2005, quando um deslizamento de terra matou Douglas dos Santos, 7 anos, e seu tio Pascoal, 42, no Engenho Velho da Federação

KATHERINE FUNKE
kfunke@grupopos.com.br

Quando o assunto é chuva, o prefeito João Henrique tem tido um grande azar. A quantidade de água que caiu sobre a capital baiana se manteve acima da média desde o início de sua gestão, em 2005.

O prenúncio da falta de sorte foi dado pelos céus logo no primeiro aniversário de Salvador com João como chefe do Executivo. Enquanto o prefeito se preparava para as confortáveis comemorações oficiais, um deslizamento de terra matou duas pessoas na entrada da Ilha da Figueira, bairro de Engenho Velho da Federação.

Foi apenas o começo. Nos últimos dois anos, 14 pessoas morreram em acidentes semelhantes. São Pedro teve mais "piedade" de Antonio Imbassahy, que governou a cidade por oito anos e assistiu ao todo a 12 mortes. A média anual de falecimentos relacionados às chuvas nas duas gestões de Imbassahy foi de 1,5 - 36% menor do que a média nos dois últimos anos.

Seria no mínimo inconsequente, contudo, culpar o atual prefeito pelo aumento da média anual de mortes. Motivo: nenhum ser humano tem o poder de controlar as chuvas (talvez alguns índios tenham meios de adivinhar, mas isso não está em discussão agora).

O fato é que o clima não segue ordens humanas ou decretos municipais, sofre influências de fenômenos, como El Niño, o aumento da temperatura dos oceanos e o aquecimento global.

O El Niño provocou redução no volume de chuvas na cidade durante as gestões de Imbassahy. Mas a partir de 2005, o fenômeno recrudescceu, o que resultou no aumento do índice pluviométrico (ou seja, da quantidade de chuvas).

Paralelamente, a temperatura do Oceano Atlântico subiu, mais água evaporou e mais nuvens de chuva se formaram, segundo o meteorologista Cláudia Valéria Silva, do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet).

O aquecimento global também pode ter contribuído. "A tendência atual é que as chuvas ocorram com maior intensidade em menor espaço de tempo", afirma o meteorologista Ricardo Rodrigues, da Superintendência de Recursos Hídricos (SRH) do Estado.

abril, choveu 110,6 milímetros, ou 19% do total do mês inteiro.

PREVISÃO - Para este ano, há mais chances de o volume de chuvas ficar dentro da média do que acima dela, segundo meteorologistas. Mas a previsão dá margem a preocupações: há 40% de chances de chover dentro da normalidade; 30% de chances de chover acima; e 30% de chover abaixo da média.

Se os próximos meses forem como fevereiro, em que já choveu 131% acima da média, não vai adiantar muito pedir clemência a São Pedro para que as previsões dos meteorologistas mais otimistas se tornem realidade.

Em vez de cruzar os dedos, João Henrique e sua equipe precisam agir para evitar os impactos negativos das chuvas sobre a cidade.

Essas ações preventivas incluem contenção de encostas, limpeza de canais, construção e requalificação de casas populares, obras de macrodrenagem e urbanização e educação comunitária.

Os responsáveis por essas áreas, no governo de João, admitem a urgência de agir. Ao mesmo tempo, já divulgam que não poderão resolver todos os problemas até o final de 2008, por dois motivos: a imensa demanda histórica por infraestrutura urbana e habitação popular. "Há muito por fazer, não somos mágicos", diz a secretária municipal de Habitação, Ângela Gordilho, e falta de recursos próprios para dar andamento rápido às obras, o que ocasiona a dependência da lenta burocracia de liberação de verbas federais.

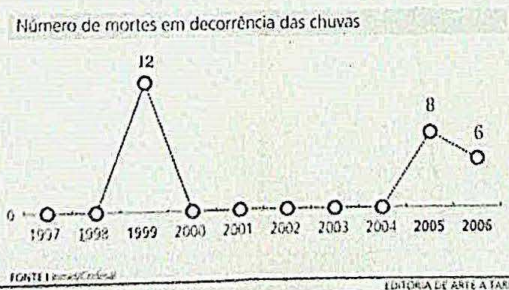
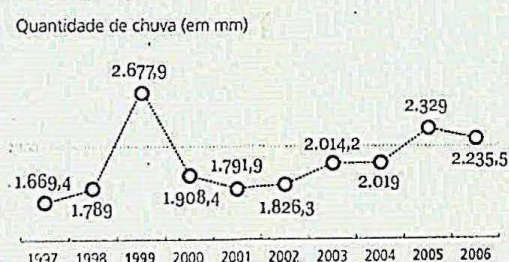
RECURSOS - À véspera do mês de abril, em que o volume histórico de chuvas é 120% maior do que em março, os cofres municipais ainda esperam recursos federais para projetos relevantes.

A prefeitura espera a chegada de R\$ 8 milhões, já obtidos via Ministério da Integração Nacional. O valor servirá para a construção do canal de Nova Constituinte, obras em outras encostas, limpeza de canais e recuperação de pavimentação. A prefeitura espera mais R\$ 1 milhão obtidos via empresas paritárias, para obras em encostas. A execução do Plano de Contenção de Encostas - que em dez anos extirpava riscos em 443 pontos - ocorre com investimento anual médio R\$ 11,4 milhões menor do que o valor estimado na elaboração do projeto, feito no final do governo de Imbassahy.

Com a cidade ainda tão vulnerável às chuvas, não vai adiantar nada pedir piedade a São Pedro.

CHUVAS E MORTES

Em três dos últimos dez anos, o índice de chuvas foi acima da média (2.100 mm) e 26 pessoas morreram



PREVENÇÃO DE ACIDENTES

Problema	O que a prefeitura anuncia que fará	O que a prefeitura fez até agora
Encostas oferecem risco	Em 2004, a prefeitura identificou necessidade de obras de contenção em 443 encostas, com investimento de R\$16,4 milhões a cada ano, durante dez anos, e a gestão João Henrique adotou o plano, em 156 casos identificados em 2006, era necessária remoção das casas e indenização dos moradores	Nas áreas de risco, 32 contenções terminadas e 26 em obras no momento, mas o investimento médio anual foi de R\$ 4,5 milhões e não há previsão de atingir a meta inicial em 2007, até dezembro, foram apenas 65 demolições
Deslizamentos de terra e soterramentos	Além das obras, educação da população, retirada de lixo e limpeza de encostas	A Codesal formou núcleos comunitários de defesa civil e distribuiu panfletos com dicas para evitar ações prejudiciais. A retirada de lixo e a limpeza de encostas serão intensificadas a partir deste mês, informa a limpeza
Alagamentos e afundamento de pistas	Obras de macrodrenagem em pontos críticos da cidade, nas áreas de risco da periferia, obras de drenagem calculadas por meio do Plano de Bairro, construídas com auxílio das comunidades, manutenção permanente dos canais	Terminando: Vila São Francisco (Paralela), Alto do Cabrito (Lobato), alça do Dique do Tororó, executou 40% do projeto em Vila Nazar (Fazenda Grande do Fátima), espera chegada de verba federal, já aprovada, para construir canal em Nova Constituinte. Os Planos de Bairro estão prontos e possuem verbas federais para execução, ainda de iniciar limpeza de canais

memória

No governo Lídice de Mata, houve grandes acidentes

João Henrique não é o único prefeito de Salvador perseguido pela chuva. A gestão de Lídice de Mata foi marcada pelos dois maiores soterramentos da história contemporânea da cidade. Em 30 de maio de 1995, 32 pessoas morreram e 90 ficaram desabrigadas no acidente mais grave, em São Gonçalo do Retiro. As vítimas, que moravam ao pé de uma pedreira de 54 metros de altura, foram atingidas e arrastadas por três mil metros cúbicos de terra. Dois dias depois, outro deslizamento de terra no Loteamento Sílvia Leal, em Cajazeiras VI, matou 21 pessoas e deixou 575 desabrigados. No mesmo dia, o rompimento do Dique de Camurugipe, em São Caetano, matou quatro pessoas.

Fonte: Codesal e Arquivo A TARDE

Planos de Bairro são solução a longo prazo

O governador Jaques Wagner liberou R\$ 4 milhões para a Operação Chuva nos municípios da região metropolitana, incluindo a capital. O montante de recursos destinado a Salvador vai depender dos projetos de captação da verba apresentados pela Defesa Civil (Codesal) para ações como limpeza de canais, contenção de encostas e podas de árvores.

A ajuda do Estado é importante, mas não contempla um plano mais minucioso, a longo prazo, de urbanização de áreas favelizadas, construção e requalificação de moradias populares na capital - um projeto amplo, para o qual a secretária municipal da Habitação, Ângela Gordilho, calcula serem precisos cerca de R\$ 6 bilhões.

A secretária diz estar segura de que o caminho para diminuir o risco de acidentes em época de chuvas é realizar o projeto de Plano de Bairro em toda a cidade. O projeto identifica as principais áreas de risco, os pontos de ausência de drenagem e de alagamento, a demanda por reforma ou construção de novas moradias.

Em quatro anos, a prefeitura fez dois Planos de Bairro: Nova Constituinte e São Marcos (Baixa de Santa Rita e Baixa Fria). Tem dinheiro em mãos para começar a executar as obras, mas não para terminar. Fora São Marcos, precisa de R\$ 23 milhões para somar aos R\$ 10 milhões já obtidos. Em Nova Constituinte, os custos podem aumentar, pois o solo se revelou frágil.

Outros dois Planos de Bairro já estão em andamento. Ângela Gordilho crê que, se a prefeitura executar o projeto e as obras em três bairros por ano, reduzirá os riscos em até 50 anos.

Ano passado, 95% das áreas de onde partiram chuvas fortes urgentes a Codesal necessitavam de obras de drenagem. Das famílias atendidas, 71% já tinham sido avisadas de que o imóvel estava condenado, mas não se mudaram por falta de condições. Dessas famílias, 53,4% possuíam renda menor do que um salário mínimo por mês e 6,4% não tinham renda.